

Dossiê: Antropologia e fotografia: experimentações etnográficas



Capoeira na roda, capoeira na vida: a fotobiografia como apresentação de si

Capoeira in the roda, capoeira in life:
photobiography as a apresentação of the self

Capoeira en la roda, capoeira en la vida:
fotobiografía como presentación del yo

Maysa Carvalho de Souza

Universidade Federal da Paraíba

maysa_souza12@hotmail.com — <https://orcid.org/0000-0003-0084-2286>

Gabriel Farias Pereira

Universidade Federal da Paraíba

gabrielcap.pereira@gmail.com — <https://orcid.org/0000-0002-1204-6634>

Apresentação

*Sou capoeira, angoleiro, mandingueiro
Eu tenho meu terreiro e você não vai vadiar
Na minha casa só entra quem merece
Quem tem swing forte e um pouco pra me dar¹ ...
(Mestre Valdir Axé)*

A biografia de qualquer indivíduo é perpassada por múltiplos espaços de socialização, resultado de múltiplas forças sociais. A vida familiar, as experiências em um bairro, a socialização escolar, as atividades laborais, os relacionamentos afetivos e tantas outras determinações sociais, conformam o horizonte no qual nos constituímos como seres sociais sujeitos a desejos, anseios, medos e projetos de futuro. Estudar uma biografia e levantar essas experiências vividas, do passado ao presente, implica todo um trabalho de rememoração, de penetração na memória social singularizada na qual cada indivíduo pode oferecer de si mesmo quando questionado. Assim, ao levantar esse passado, acessamos não apenas as experiências individuais, mas o mundo social que o abrange² (MILLS, 1969), as características de uma estrutura social que não se conservou somente na memória³ (HALBWACHS, 1990), mas também na forma de experimentar, classificar, interagir e agir sobre o tempo presente.

Para esse espaço biográfico, por assim dizer, há diversas formas de registro socialmente postas e compartilhadas que garantem a identidade do agente na

¹ O título desse trabalho é menção a um ditado que é a máxima de todo um grupo e estilo e foi criada pelo mestre Nô (ACCORDI, 2019), expoente de uma linhagem não-hegemônica da capoeira angola baiana (MAGALHÃES, 2011) a qual o contramestre Escurinho é descendente de 3ª geração. Essa música foi ensinada pelo Contramestre Escurinho a um dos pesquisadores que é capoeirista no dia da entrevista. Seu autor é filho e aluno do mestre Nô e “irmão de capoeira” do mestre Sabiá. Em conformidade com o espírito das horas de entrevista que o contramestre Escurinho nos concedeu sobre sua vida e compartilhamento conosco de suas reflexões privadas sobre a mudança atual de sua posição e ponto de vista do mundo da capoeira de João Pessoa, a escolha dessa música para nós aparece como um índice fático dessa mudança de estado — que se harmoniza com as mudanças mais corporais e existenciais induzidas por sua crítica situação de saúde.

² Sobre o entrelaçamento entre biografia individual e estrutura social seguimos Mills em *A imaginação sociológica* (1969). “[...]Ter consciência da ideia de estrutura social é ser capaz de identificar as ligações entre uma grande variedade de ambientes de pequena escala” (MILLS, 1969, p. 17).

³ Sobre a relação da memória individual e social nos baseamos aqui em Maurice Halbwachs, *A memória coletiva* (1990).

multiplicidade de experiências consigo, tal como a instituição do nome próprio (BOURDIEU, 1994), sendo essa instituição social não apenas um conceito socioantropológico, mas também uma realidade prática. O *eu*, aquilo que o nome próprio carrega e objetiva, comumente entendido como o sujeito ativo da experiência, é aquilo que se requisita imediatamente para compreensão de sua própria vida atribuindo significados a experiências que, retroativamente, ele credita como centrais para constituição de sua ipseidade⁴.

Para além dos debates epistemológicos envolvidos na consideração de métodos de carácter biográficos, no decorrer desta pesquisa⁵ buscou-se apreender outra dimensão da experiência individual: a atribuição de significados a fatos biográficos e sua lógica interna a partir de um dispositivo de pesquisa que recorre a fotografias pessoais, tal como realizado por Fabiana Bruno (2014) em sua proposta de “fotobiografias”. Com a aplicação desse dispositivo de pesquisa buscamos compreender a construção simbólica nas formas de classificar as imagens e, ao mesmo tempo, de representar a si.

A partir da aplicação de um dispositivo fotobiográfico, o principal objetivo desta pesquisa, realizada no segundo semestre de 2022, foi desenvolver, analisar e conhecer quais formas de classificação são atuantes no processo de “escolhas” e “abandono” (BRUNO, 2014, p. 06) de fotografias de uma prancha fotográfica primária montada pelo interlocutor, com a finalidade de apresentar-nos momentos significantes de sua vida e quais estratégias de apresentação de si são atualizadas nesta operação.

O participante da pesquisa foi o capoeirista e artista Alberto Antônio, morador do bairro de Cruz das Armas em João Pessoa, na Paraíba, conhecido pelos familiares como “Betinho” e no universo da capoeira paraibana como “Contramestre Escurinho Badauê”, homem que dedicou quase 30 anos de sua vida à formação e transmissão dos saberes através da capoeira, tornando-se um expoente da cultura paraibana. Após adoecer de covid-19 em 2020, Escurinho descobriu um câncer e seguiu o tratamento até o ano de 2023, chegando a falecer no dia 14 de março do ano em questão. Deixamos aqui toda a nossa gratidão e respeito à memória do Contramestre Escurinho.

⁴ Atributo, particularidade ou característica própria.

⁵ Essa pesquisa foi iniciada no último semestre de 2022, no decorrer do componente curricular de Antropologia Visual, ofertada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a partir das contribuições teóricas e conselhos práticos da Prof^a Dr^a Aina Azevedo. A pesquisa ainda se encontra em andamento, no sentido do volume de dados coletados e da necessidade de organizar a produção dos resultados, além das questões éticas envolvidas, especialmente após o falecimento do Contramestre Escurinho, participante central da pesquisa.

Numa breve explicação sobre o processo de construção teórica e metodológica, a escolha do dispositivo fotobiográfico baseado em Bruno (2014) ocorreu pela observação da potência reflexiva da imagem, desvinculando do lugar de objeto e permitindo pensar o registro imagético como um “acontecimento” capaz de imbricar elementos da memória, das relações sociais e outros sentidos que, através do visual, se verbaliza, ao mesmo tempo que retorna a imagem, num movimento entre tempos e significados. Concordando com Bruno (2014), seguimos a premissa de que toda imagem “[...] é portadora de um pensamento, isto é, veicula pensamentos” (BRUNO, 2014, p. 10), e é o código pessoal de decifração da subjetividade imagética o que pretendemos conhecer, bem como histórias podem construir-se a partir e através da reflexão produzida pelas imagens. Ao fim da aplicação do dispositivo obtivemos 14 cartões com informações chaves sobre as fotografias escolhidas e descartadas.

Todos os encontros ocorreram na residência do Contramestre Escurinho e houve a separação de três momentos: uma entrevista semi-estruturada combinada a entrevista informal (GIL, 1987) de cunho biográfico que teve por objetivo aproximar-nos das suas experiências familiares, laborais, culturais e afetivas; explicar ao entrevistado como se daria a aplicação do dispositivo fotobiográfico, e por último passamos a dialogar a partir das fotografias selecionadas pelo interlocutor.

As fotografias foram distribuídas na mesa de modo a dar visibilidade a todas elas e, apesar da sobreposição parcial de imagens⁶, foi possível a verbalização sobre cada uma. Após isso, fizemos três rodadas de exclusão de fotos, duas retirando nove fotos e uma retirando oito fotos, sobrando ao final duas fotos.

⁶ A mesa na qual pudemos fazer nossa atividade não era tão grande como imaginávamos, mas tentamos ao máximo garantir a visibilidade das fotografias. Então, ele selecionou várias fotografias de seus álbuns e pedimos que ele fosse olhando uma por uma e as distribuísse sobre a mesa da forma como julgasse adequada. A ideia inicial que tínhamos era de aplicar o dispositivo a partir de 24 fotografias. Faríamos três rodadas de descarte de sete fotografias pedindo um comentário sobre cada uma antes de prosseguir, para, na última rodada, nosso interlocutor elaborar alguma narrativa a partir das três fotos finais. Contudo, no dia da aplicação do dispositivo chovia, o único espaço que tínhamos era seu pequeno terraço repleto de materiais de capoeira (cabaças, berimbaus, atabaques, junco de fazer caxixi) e muitas plantas úteis para produção dos chás que ele havia descoberto serem ótimos aliados para remediar dores do seu duro tratamento. Ele, então, em sua seleção, recolheu quatro fotos a mais que o ideal previsto (28) e não nos sentimos confortáveis para retirar arbitrariamente tais fotografias. Logo refizemos nossos procedimentos metodológicos *in actu* vindo eles a tomarem a sua atual forma de execução. Além desses fatores inesperados, ele precisava dar uma aula de capoeira às 16:30h para crianças numa escola ali perto e havíamos iniciado nossa atividade às 14h, sobrando pouco mais de duas horas para aplicação do dispositivo.

Associado ao processo de descarte e reelaboração da prancha de fotografias a cada rodada, pensamos inicialmente em solicitar que, para cada fotografia abandonada ao longo do percurso, o entrevistado pudesse nos fornecer uma breve descrição escrita ou falada sobre a situação na qual a fotografia foi feita, as lembranças que ela desperta e o seu respectivo significado (positivo ou negativo). Contudo, para esse ensaio visual, enquanto recorte, utilizaremos apenas fotografias escolhidas pelo interlocutor, revelando nas legendas as descrições e significados atribuídos por ele.

Com exceção das duas primeiras imagens deste ensaio, todas as demais são parte do acervo pessoal do Contramestre Escurinho e para o registro das imagens foram realizadas fotos das fotos através de um celular *smartphone* (MotoG 30)⁷, também utilizado para a gravação dos áudios no decorrer da entrevista.

Acerca dos processos de escolha, elaboramos questões chave que partiam desde um pedido de descrição da fotografia que compreendia o ano, local, pessoas presentes e em seguida, pedíamos que o interlocutor descrevesse suas memórias, sentimentos e significados a partir da imagem.

O presente ensaio visual revela fragmentos de narrativas imagéticas que se entrelaçam no tempo entre a arte, a capoeira e o reconhecimento de si. Numa cronologia não linear que compreende os anos 1998 a 2018, agrupam-se questões entre arte e reconhecimento artístico, ritos de iniciação e passagem, e por fim, a capoeira e figuras de autoridade.

⁷ Não houve edição das imagens.



1. Chegada na casa do Contramestre Escurinho, 2022.

“Era tarde de uma sexta-feira quando chegamos na casa de Alberto Antonio, popularmente conhecido no mundo da capoeira e da cultura pessoense paraibana como contramestre Escurinho Badauê. Mas, ali no seu bairro e para sua família, ele é o Betinho. Fomos recebidos por ele no terraço de sua casa no bairro de Cruz das Armas em João Pessoa, Paraíba. Sua casa fica no meio de uma ladeira e já na casa seguinte se vê um forte declive. Mirando horizontalmente, do outro lado se vê outra ladeira circundando um enorme buraco em que ruas e casas se alçam ao seu redor” [Trecho retirado do diário de campo]. Foto: Autores (12/2022).



2. Fotos sobre a mesa — aplicação do dispositivo fotobiográfico.
Foto: Autores (12/2022).



3. Espaço Cultural, festival da Fenarte com a banda *Pau de Dá em Doido*, 2001.

“[...] No ano anterior nós estávamos no palco auxiliar, nesse ano já estávamos no palco principal. Nessa época eu já fazia parte da militância do movimento negro. Foi meu primeiro momento de reconhecimento como músico. Eu comecei como fã [da banda] e terminei como membro. [nessa época foi] quando eu comecei a me aceitar e reconhecer como homem negro. Eu não escondia e nem raspava mais o black”. Acervo: Contramestre Escurinho. Foto: Autores (12/2022).



4. Áustria, 2010.

“[...] Essa foto foi na casa onde eu fui acolhido pela segunda vez na Áustria, após meu contrato de um mês acabar e estender minha estadia sem me oferecerem as condições mínimas para ficar lá. Foi na zona de conforto que eu descobri que eu não nasci para isso. Disse para essa pessoa por quem tive uma paixão: “se você quer me conhecer venha ao Brasil”. “Ela veio, mas não aguentou minha realidade de vida aqui, nessa casa. Voltou grávida para Áustria. Hoje [o filho] deve ter por volta de 11 anos”. Acervo: Contramestre Escurinho. Foto: Autores (12/2022).



5. Áustria, Liechtenstein, 2011.

“[...] Foi um desafio eu produzir um espetáculo afro. Eu havia feito teatro, era o chibungu, quem ordenava muita coisa nas peças, mas o teatro limitava muito. Na dança afro era eu desafiando o mundo. Isso foi a conclusão de uma produção de dança afro. Pra chegar lá [na Áustria] eu passei todo o ano anterior me sacrificando, indo para Guarabira todo final de semana dar aulas de dança afro, ficando longe da família. Um grande desafio e realização. Fui arriscar dar o melhor de mim fora do Brasil. Canalizei minhas dores para fazer arte”.
Acervo: Contramestre Escurinho. Foto: Autores (12/2022).



6. 1998

“[...] Meu batizado de capoeira depois de três anos de treino. Nessa época eu tinha hipoglicemia por treinar com fome. Essa foto representa resistência. Eu sou a própria contradição do que a sociedade me cobra... Eu nasci pra ser livre... Essa foto meu pai nunca viu. Meu pai era extremamente homofóbico e aqui no mundo da capoeira eu me sentia à vontade ao lado de pessoas diferentes. Acervo: Contramestre Escurinho. Foto: Autores (12/2022).



7. Praça Antenor Navarro, no batizado de Lígia, 2005.

“[...] Com ela está jogando o mestre Jorge Satélite, que se tornou o padrinho de nossa filha. Foi exatamente aqui que eu disse: essa é minha companheira. E namoramos contra a vontade dos pais dela”. Acervo: Contramestre Escurinho. Foto: Autores (12/2022).



8. Colégio das Freiras, Cruz das Armas, João Pessoa, 2006.

“[...] Ao lado da casa de minha tia. Nessa época eu tinha cerca de 60 alunos onde muitos foram graduados. Nesse ano foi a graduação verde-amarelo de Lígia [sentada no centro da imagem]. Uma realização pela primeira vez. Era pai pela primeira vez, cuidava de minha esposa e de minha filha [na imagem ele usa um turbante amarelo e segura a filha no colo]. Esse foi também meu primeiro evento de capoeira feito com autonomia”. Acervo: Contramestre Escurinho. Foto: Autores (12/2022).



9. O batismo

Batizado dos filhos Maria [usando vestido branco] e Alberto [segurado nos braços da Alícia, sua filha mais velha] na paróquia São José Operário, em Cruz das Armas, João Pessoa. Lígia, sua companheira, está no centro da imagem segurando a filha mais nova do casal, Layane, em 2018. “[...] Eu não descendo do sofrimento de ninguém. Se meu pai sofreu, eu não quero que meus filhos sofram. Eu descendo de mim mesmo. Sinto que o tempo está passando e que tenho que está ouvindo mais os mais velhos. [nessa foto eu só tenho hoje] confiança em algumas pessoas. Já sou gato escaldado”. Acervo: Contramestre Escurinho. Foto: Autores (12/2022).



10. Ponto de Cem Réis, 1998.

“[...] Nessa roda chegou Macaco, Neném e Galo. O César, meu professor na época, não deixou eles jogarem. Tive essa surpresa de os conhecer, esses caras colocavam medo. Nessa época descobri o sentimento de grupo. César disse pra gente em relação a eles: “o que der pra um vai dar pra todo mundo”. Foi quando entendi que uma roda *de* rua é diferente de uma roda *na* rua. Essa foto me traz o sentimento de acolhimento. Eu era feliz, me traz felicidade. Minha vida toda foi assim, o mundo se acaba ao meu lado e eu tendo de estar tranquilo”. Acervo: Contramestre Escurinho. Foto: Autores (12/2022).



11. Antigo Cilaio Ribeiro, atual Cearte, 1998.

“[...] Nessa época eu já tinha desistido de trabalhar em trabalhos braçais. Só me doava para capoeira. Eu não tinha capital para investir na capoeira. O Sesc onde eu também treinava [e não tinha dinheiro para pagar] era o lugar da burguesia. Quando eles chegavam para treinar eu já estava lá, eles me viam e diziam: “olha o dono do Sesc aí”. Eu também cheguei a morar no Cilaio Ribeiro. Esse era um tempo bom porque eu confiava mais nas pessoas. A capoeira era um mundo novo pra mim. Mas eu sempre estava no meio da burguesia. Lembro também ao olhar para essa foto do sentimento de sair de casa, meu pai não aceitava que eu fizesse capoeira, mas minha mãe me dava suporte”. Acervo: Contramestre Escurinho. Foto: Autores (12/2022).



12. Campina Grande, em 2005, na academia do Mestre Sabiá.

“[...] Sou instrutor e estou ao lado do saudoso mestre Bigodinho. Ao fundo, o mestre Sabiá [de camisa amarela] que me estendeu a mão quando eu duvidava de tudo. Me deu segurança pra mim acreditar no ser humano. Até pela estética da foto leva a uma energia vital. É essa minha essência: resistência, força e vencer. Força eu tô descobrindo agora. Força para resistir ao mais absurdo dos castigos [a doença]. Meu mestre aí na resistência como o mestre dele é até hoje. Vejo no meu mestre um grande sinônimo de humildade. Fé pra vencer, força para resistir e fé pra vencer”. Acervo: Contramestre Escurinho. Foto: Autores (12/2022).

Referências

ACCORDI, Leandro de Oliveira. *Memórias Periféricas... As narrativas de Mestre Nô*. BAHIA: Capoeira Angola, Educação e Formação Humana, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica. Usos e abusos da história oral*. São Paulo: FGV, 1994.

BRUNO, Fabiana. *Fotobiografia: uma proposta antropológica e estética*. Revista Espaço Acadêmico, v. 14, n. 163, 2014.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

MAGALHÃES, Paulo Andrade. *Jogo de Discursos: A disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana*. Salvador: Edufba, 2011.

MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

Agradecimentos

Agradecemos ao Contramestre Escurinho e a sua família pela recepção e colaboração. Estendemos nossos agradecimentos à Prof^ª Dr^ª Aina Azevedo (UFPB) pela leitura de nosso projeto e pelas sugestões bibliográficas.

Recebido em 30 de dezembro de 2022.

Aceito em 20 de abril de 2023.